

DEBATE

Sala Ambiente: Invocando, Convocando, Provocando a Aprendizagem

Sonia Teresinha de Sousa Penin

Um ambiente estabelece um clima que predispõe uma pessoa a sentir determinadas sensações, assim como vontade e predisposição para manifestar específicos comportamentos, distintas ações, diferentes atitudes.

Ambientes como os que se encontram nas igrejas, nos museus, nos *shopping centers* nos convidam à oração, à fruição estética ou às compras.

Esses ambientes são cuidadosamente planejados para invocar sensações e convocar as ações que de fato provocam.

A influência do ambiente no comportamento e mesmo no desenvolvimento das pessoas tem sido identificada por muitos autores e teorias. Entre os autores mais enfáticos destaca-se Kurt Lewin com sua teoria de campo social e mais recentemente, os que trabalham na área chamada Ecologia Humana. Esses estudos têm orientado ações não só no âmbito da educação como na área médica, empresarial e na arquitetura, em grande parte preocupada em associar forma e função no planejamento dos diferentes espaços.

Planejar um ambiente de conhecimento que convoque as pessoas à aprendizagem e ao prazer na busca de novos saberes é tarefa dos profissionais do ensino.

Que ambiente de conhecimento é esse?

Um ambiente é formado por características de duas dimensões: a física e a social.

Em relação à dimensão física, a civilização que hoje vivemos, já definiu vários aspectos do ambiente ou dos ambientes mais adequados ao conhecimento. No que diz respeito à disseminação às novas gerações dos conhecimentos historicamente acumulados, assim como à sua educação, já se estabeleceu não só a instituição destinada a este fim – a **escola** – como a estrutura básica do espaço físico que ela devia comportar.

Ainda que seja extremamente variada a arquitetura das escolas, principalmente as mais recentes, onde se destacam verdadeiras esculturas pela beleza de suas formas, as características do seu espaço interno são bastante semelhantes, sobressaindo-se em número e importância a sala de aula. É numa definida sala de aula – a de sua turma – que o aluno passa a maior parte do tempo da sua escolarização.

A idéia de sala – ambiente não é nova na nossa história de ensino. Há muito várias escolas têm organizado, por exemplo, a sala de leitura e o

laboratório de ciências. A biblioteca, espaço mais tradicional, é de uma natureza um pouco diferente já que destinado mais à troca de livros do que à permanência dos alunos.

As salas de leitura e os laboratórios são espaços planejados para estimular a aprendizagem e facilitar o ensino. Os materiais que os professores precisam estão à mão e os alunos podem observar e manipular objetos, estimulando-se com essas ações e sentindo o prazer de aprender. Nas salas de leitura é comum encontrarmos almofadas pelos cantos das salas, propiciando um ambiente mais relaxado; além disso, a facilidade de alcançar um livro, a leitura de uma contra-capa pode despertar o interesse de um aluno, fazendo-o levar o livro para casa e lê-lo.

Vemos, assim, que o que hoje chamamos de sala ambiente já vive em muitas de nossas escolas.

Paralelamente, também está bastante presente na história de ensino a idéia e a prática de enriquecimento das aulas através de visita dos alunos a determinados ambientes culturais e naturais. De maneira intuitiva ou consciente muitos professores entendem que os espaços a serem vivenciados pelos alunos devem ser variados, culturalmente enriquecidos e o mais próximo da realidade. Assim, promovem visitas a museus, a teatros, a lugares históricos, enfim, estudos do meio os mais diversos.

É devida à impossibilidade de ir a cada lugar de cultura para viver um momento de aprendizagem que um professor procura trazer a cultura para a sala de aula. Daí, a idéia de sala- ambiente – *ambiente de aprendizagem de uma cultura ou ciência*.

A vivência cotidiana num ambiente rico em materiais convidativos ao conhecimento, além de propiciar ao aluno a aprendizagem planejada pelo professor, ainda possibilita a sua auto-estimulação pela exposição aos objetos presentes, levando-o a visitar e/ou pesquisar por conta própria assuntos os quais passou a gostar.

Todavia, percebemos algumas limitações nas salas- ambiente das quais estamos falando até o momento – laboratórios e salas de leitura. A principal delas é que os alunos as frequentam muito pouco, dependendo ou da programação curricular da disciplina ou da necessidade do professor partilhá-la com outros. A dificuldade reside no fato desses espaços serem **da escola e não do professor**.

A concepção de salas- ambiente aqui defendida, na sua dimensão física expande a idéia até então vigente

em alguns sentidos. Primeiro, os professores de todas as disciplinas e não somente os de ciências e os de língua portuguesa são chamados a construir o ambiente mais propício para suas aulas acontecerem com sucesso. Trabalhar numa única sala facilita as condições de trabalho do professor, que pode manter seus materiais didáticos num mesmo local, evitando que os transporte pelas diferentes salas de aula. Nesse sentido *o espaço deixa de ser da escola e passa a ser do professor* ou dos professores de uma determinada área de conhecimento.

Segundo, os alunos viverão o espaço privilegiado de uma sala ambiente não por algumas poucas aulas do mês mas diariamente. Nas aulas de história eles viverão o *ambiente-história* o tempo todo. O que está exposto na sala – seja o mapa-mundi, a bandeira de um país, um *poster* de época, uma matéria de jornal ou o trabalho de um colega – ou tem interesse imediato no exercício ou discussão que se faz na aula ou os estimulam de forma mediata para outros momentos. De fato, a exposição a imagens e a outros estímulos intencionalmente organizados facilita a cada aluno examinar um assunto mais atentamente e voltar a ele em outra ocasião. Tempo para ações individualizadas sempre existe numa sala de aula dada a diferenciação no ritmo de trabalho dos alunos e, conseqüentemente, no término das tarefas. A espera pode ser usada significativamente.

Terceiro, uma sala ambiente, com diferentes materiais e produções expostos, ainda tem a vantagem de tornar mais bonita e alegre uma classe. Num mundo onde a imagem toma cada vez mais importância, não podemos nos conformar com um ambiente de estudo branco ou cinza como muitas salas ainda o são. O branco é para os hospitais e o cinza é dos cemitérios.

Até aqui estive tratando da dimensão física de uma sala-ambiente. Passo agora a considerar o aspecto social de um ambiente de aprendizagem, em relação ao qual toda a mestria de um professor é revelada. O ambiente físico é a base sobre a qual o professor exercita sua habilidade docente.

O ambiente social começa com a disposição das pessoas na sala e se firma com o tipo de interlocução que se desenvolve. Esse ambiente influi no clima da aula, na disponibilidade das pessoas para a aprendizagem, para o trabalho comum e na qualidade dos resultados alcançados.

A disposição das pessoas pode ser a mais variada, dependendo do tipo de aula que se quer dar. Não só o trabalho em grupo é importante, mas há aulas para todo tipo de arranjo e a mudança em si mesma já é estimulante. Uma aula pressupõe o debate e então o círculo é o arranjo mais adequado; outra, uma polêmica entre duas posições e a classe se organiza como num tribunal; outra ainda, propugna por trabalho em grupo; por fim, o estudo individual sempre terá lugar, até mesmo como preparatório para os outros momentos.

O importante é não esquecer que a interação básica numa aula não é a do professor com um ou alguns alunos – interlocutores preferenciais – mas, com a classe. Não temos numa classe aquela clássica relação que se aprendia nos cursos de didática – a relação triádica entre um professor, um aluno e um conteúdo – mas uma relação dinâmica, triádica se pensarmos por categoria, mas múltipla se considerarmos a presença singular de cada aluno presente. Assim, muito se ganha quando além do professor se dirigir à classe como um todo, ele também propiciar o encontro diversificado dos estudantes entre si. Entre outras, a idéia da monitoria não é nova na história do ensino e sempre foi bastante profícua.

Teóricos da educação e da didática e mesmo de áreas afim têm propugnado pela importância dos diferentes níveis de interlocução serem exercitados na escolarização para o pleno desenvolvimento das crianças e jovens. A preparação para a vivência cidadã numa sociedade democrática e complexa pressupõe o exercício e/ou exame de todas as diferenças possíveis. Aceitar o diferente e questionar os dogmas é um objetivo educacional da maior relevância. O debate atual a respeito das múltiplas manifestações da inteligência – cognitiva *stricto sensu*, emocional, estética etc muito poderá ajudar na reflexão relativa à necessidade de diversificação dos materiais, das atividades e dos agrupamentos dos alunos no espaço da *aula*, que nem sempre será o da *sala de aula*.

De fato, quando tanto falamos a respeito da sala de aula – seu ambiente, seus arranjos – não podemos cair no extremo de afirmar que ela é o limite da aula. Como já me referi, a aula deve acontecer em todos os espaços possíveis de ampliação das referências dos alunos. As gravuras das obras de um pintor não substituem a ida ao museu. Multiplicar e enriquecer os ambientes – esta é a idéia. A questão é que temos a nossa mão, nas escolas, a possibilidade dessa multiplicação, com pequenas modificações na sua atual organização, quebrando algumas formas miméticas e repetitivas de ensinar ou de *fazer escola*. As mudanças podem ser poucas e nem serem novidades no ideário pedagógico, mas, bem formuladas, elas poderão revolucionar a qualidade da aprendizagem dos alunos.

Aliás, já estão revolucionando, pois aumenta a cada dia o número de escolas que repensam seu projeto pedagógico e organizam em novas bases o ensino que praticam. Nesse movimento, as salas-ambiente se multiplicam e explodem em criatividade, beleza e significância. Acompanhar e superar essas experiências, eis o desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin é professora da Faculdade de Educação da USP e Coordenadora de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo.